

## PROGRAMA DE PREVENÇÃO À DELINQUÊNCIA JUVENIL: AS CAUSAS E SOLUÇÕES

### JUVENILE DELINQUENCY PREVENTION PROGRAM: THE CAUSES AND SOLUTIONS OF THE COMPLEXITY

Cássia Maria da Silva Gavião<sup>1</sup>  
Gabriel Silva de Paula<sup>2</sup>  
Giulia de Oliveira Figueiredo<sup>3</sup>  
Igor Serrate Rodrigues<sup>4</sup>  
Michelly Regina Souza da Silva<sup>5</sup>  
Rosali Gomes Araújo Maciel<sup>6</sup>

#### RESUMO

Este projeto extensionista tem como objetivo refletir sobre a delinquência juvenil, a partir do modelo teórico de Urie Bronfenbrenner. A delinquência juvenil é um problema abrangente que impacta não só os jovens envolvidos, mas suas famílias, comunidades e a sociedade como um todo. Perpetuando o ciclo de criminalidade, colabora com o aumento da sensação de insegurança nas comunidades e a ocasiona a violação dos direitos humanos dos próprios jovens envolvidos.

**Palavras-chave:** Delinquência Juvenil, adolescentes, comportamento, práticas baseadas em evidência, comunidade.

#### ABSTRACT

This extension project aims to reflect on juvenile delinquency, based on Urie Bronfenbrenner's theoretical model. Juvenile delinquency is a pervasive problem that impacts not only the young people involved, but their families, communities and society as a whole. Perpetuating the cycle of crime, it contributes to an increase in the feeling of insecurity in communities and leads to the violation of the human rights of the young people involved.

---

This extension project aims to reflect on juvenile Este projeto extensionista tem como objetivo refletir sobre a delinquência juvenil, a partir do modelo teórico de Urie Bronfenbrenner.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [cassiagaviao1@gmail.com](mailto:cassiagaviao1@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [Gabrielreisgb7@gmail.com](mailto:Gabrielreisgb7@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [giu.cfigueiredo@outlook.com](mailto:giu.cfigueiredo@outlook.com)

<sup>4</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [igorserrate@gmail.com](mailto:igorserrate@gmail.com)

<sup>5</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [michelly.souza@hotmail.com](mailto:michelly.souza@hotmail.com)

<sup>6</sup> Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Barra Mansa-UBM, RJ. E-mail: [rosaligam@yahoo.com.br](mailto:rosaligam@yahoo.com.br)

delinquency, based on Urie Bronfenbrenner's theoretical model. Juvenile delinquency is a pervasive problem that impacts not only the young people involved, but their families, communities and society as a whole. Perpetuating the cycle of crime, it contributes to an increase in the feeling of insecurity in communities and leads to the violation of the human rights of the young people involved.

**Keywords:** Juvenile Delinquency, adolescents, behavior, evidence-based practices, community.

## INTRODUÇÃO

Esse projeto extensionista tem por objetivo geral investigar a multicasualidade da delinquência do jovem no Brasil, assim como as relações sociais, étnico-raciais, econômicas, parentais e psicológicas, visando disseminar conhecimentos para a comunidade, integrando ensino, pesquisa e extensão.

A sua relevância está no fato de que a delinquência juvenil é um problema abrangente que impacta não só os jovens envolvidos, mas suas famílias, comunidades e a sociedade como um todo e que se não compreendida pode perpetuar o ciclo de criminalidade, colaborando com o aumento da sensação de insegurança nas comunidades, gerando violação dos direitos humanos dos próprios jovens envolvidos.

O projeto nasce da seguinte questão do estudo "**O que influencia os jovens a praticarem ou a absterem-se do envolvimento com a violência ou com outros atos antissociais?**", para responder os autores optaram por utilizar como referência a teoria bioecológica desenvolvida por Urie Bronfenbrenner, psicólogo norte-americano que identifica cinco níveis de influência ambiental, que variam do mais próximo ao mais amplo: microssistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema (Papalia et al, 2013).

A metodologia adotada segue as diretrizes da pesquisa bibliográfica, realizada em site e periódicos científicos e em livros e como produto de intervenção serão realizadas palestras em escolas e a criação de um *Podcast*.

A delinquência juvenil é um fenômeno de extrema importância, visto que ela não afeta apenas as pessoas que apresentam esse comportamento, mas toda a comunidade. Não olhar para esse fenômeno é perpetuar o ciclo da criminalidade e por vezes negligenciar os direitos humanos dos jovens.

## DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento humano evolui por meio de processos cada vez mais complexos de interação recíproca entre um sujeito ativo e as pessoas, ambientes e símbolos em seu entorno imediato. Para influenciar o desenvolvimento esse processo deve ocorrer de forma consistente ao longo de um período prolongado (Bronfenbrenner, 1995, Apud Bhering e Sarkis, 2009).

Nesse sentido, para Urie Bronfenbrenner o conceito de desenvolvimento refere-se ao resultado de uma interação entre o processo proximal, as características individuais da pessoa em desenvolvimento, o contexto imediato de sua vida e a quantidade e regularidade do tempo em que a pessoa é exposta a um processo proximal específico e ao ambiente. Este é o modelo P-P-C-T de desenvolvimento: Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (Bhering e Sarkis, 2009).

De acordo com o modelo de Bronfenbrenner cada experiência individual ocorre em ambientes "concebidos como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas" (Poletto e Koller, 2008).

### **O contexto**

É o primeiro elemento do modelo bioecológico. A análise do contexto considera as interações humana em quatro níveis ambientais: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

No microsistema operam os processos proximais que impulsionam e sustentam o desenvolvimento e, sua eficácia depende da estrutura e conteúdo desses ambientes. Ele abrange as relações entre a pessoa em desenvolvimento e seu ambiente mais imediato, como família, escola e vizinhança (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

O mesossistema refere-se às relações entre dois ou mais microsistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, como as interações entre família e escola. Este sistema se expande quando a pessoa passa a frequentar novos ambientes, e os processos nos diferentes ambientes que ela frequenta são interdependentes, influenciando-se mutuamente. Assim, as interações de uma pessoa em um ambiente, como na escola, são influenciadas não apenas pelo ambiente imediato, mas também por influências de outros contextos, como a família (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

O exossistema inclui estruturas sociais formais e informais que, embora não diretamente envolvam a pessoa em desenvolvimento, influenciam e delimitam o que ocorre em seu ambiente próximo, como a família extensa, as condições de trabalho dos adultos, amizades e vizinhança. Bronfenbrenner identificou três exossistemas importantes para o desenvolvimento infantil devido à sua influência nos processos familiares: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

O macrosistema engloba o padrão global de ideologias, crenças, valores, religiões, formas de governo, culturas, situações e eventos históricos que influenciam o desenvolvimento das pessoas. Dessa forma, a cultura na qual os pais foram criados, os valores transmitidos por suas famílias e a sociedade em que vivem afetam a maneira como educam seus filhos. O macrosistema é o sistema mais distante da pessoa e abrange a comunidade na qual os outros três sistemas estão inseridos, podendo afetá-los, com estereótipos e preconceitos sociais, crises econômicas globais (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

Por último, o cronossistema introduz a dimensão temporal, considerando mudanças ou continuidades na pessoa e no ambiente. Isso abrange alterações na estrutura familiar, local de residência, emprego, bem como transformações culturais significativas, como períodos de guerra ou ciclos econômicos, que podem variar entre recessão e relativa prosperidade (Papalia et al, 2013)

### **O processo**

O processo é destacado como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento e é visto como as interações recíprocas progressivamente mais complexas do sujeito com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato. As formas de interação no ambiente imediato são denominadas processos proximais. Os processos proximais são os principais motores de desenvolvimento psicológico ou formas de interação que operam como o substrato das atividades conjuntas, dos papéis e das relações estabelecidas rotineiramente e

podem determinar suas trajetórias de vida, de maneira a inibir ou incentivar a expressão de competências nas esferas cognitiva, social e afetiva (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

### **A pessoa**

O terceiro componente do modelo bioecológico é a pessoa. Esta é analisada por meio de suas características determinadas biopsicologicamente (experiências vividas, habilidades, por exemplo) e aquelas construídas na sua interação com o ambiente (Bronfenbrenner e Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

### **O tempo**

O tempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro dos episódios de processo proximal (Bronfenbrenner & Morris, 1998, Apud Poletto e Koller, 2008).

### **Comportamento antissocial e delinquência juvenil**

Uma interação entre fatores de risco ambientais e genéticos ou biológicos pode ser a base de muitos comportamentos antissociais (Papalia et al, 2013).

Após a análise de numerosos estudos, foi concluído que os genes contribuem com 40 a 50% da variação no comportamento antissocial em uma população, e entre 60 a 65% no comportamento antissocial agressivo. No entanto, os genes por si só não são determinantes do comportamento antissocial. Pesquisas recentes sugerem que, embora a genética desempenhe um papel na delinquência, as influências ambientais, incluindo família, amigos e escola, também exercem efeito sobre a expressão genética (Papalia et al, 2013).

O comportamento antissocial de início precoce é moldado pela interação de diversos fatores, como indicado pela teoria de Bronfenbrenner, que abarca desde influências do microsistema, como conflitos familiares, práticas parentais e comportamento desviante dos colegas, até influências do macrosistema, como a estrutura da comunidade e o suporte social dos vizinhos (Buehler, 2006; Tolan, Gorman-Smith e Henry, 2003, Apud Papalia et al, 2013).

De fato, evidências apontam que esses infratores apresentam características distintas desde cedo, o que explica tanto o início precoce quanto a persistência de seus comportamentos até a idade adulta. Por exemplo, esses adolescentes frequentemente demonstram falta de controle dos impulsos, tendem à agressividade e têm dificuldade em considerar as consequências futuras de suas ações (Monahan, Cauffman e Steinberg, 2009 Apud Papalia, 2013).

Por outro lado, o comportamento antissocial de início tardio geralmente surge em adolescentes com histórico familiar convencional. Os pais de crianças que se tornam antissociais crônicas, por sua vez, podem ter deixado de reforçar comportamentos positivos durante a infância e podem ter recorrido a práticas punitivas rigorosas ou inconsistentes (Coie e Dodge, 1998; Snyder et al., 2005 Apud Papalia et al, 2013). Ao longo dos anos, esses pais podem ter mantido uma relação distante e pouco afetiva com seus filhos (Patterson, DeBaryshe e Ramsey, 1989 Apud Papalia et al, 2013).

Como resultado, os filhos podem aprender que o comportamento antissocial pode resultar em recompensas: ao agir dessa forma recebem atenção ou conseguem o que desejam. Esses padrões negativos iniciais abrem caminho para influências negativas dos pares, que promovem e reforçam o comportamento antissocial (Brown et al., 1993; Collins et al., 2000 Apud Papalia et al, 2013).

Os estudiosos identificaram dois tipos de comportamento antissocial: um tipo de início precoce, surgindo por volta dos 11 anos de idade, que geralmente leva à delinquência juvenil crônica na adolescência; e um tipo mais leve, de início tardio, que começa após a puberdade e tende a surgir temporariamente em resposta às mudanças próprias da adolescência, como o desequilíbrio entre maturidade biológica e social, aumento do desejo de autonomia e redução da supervisão adulta. Adolescentes com comportamento antissocial de início tardio tendem a se envolver em infrações menos graves (Schulenberg e Zarret, 2006, Apud Papalia et al, 2013).

Como resultados parciais, pode-se afirmar sobre o desenvolvimento do Comportamento Delinquente na Adolescência que estudos populacionais mostram que a prevalência e taxa de infrações penais entre os jovens tendem a aumentar durante a adolescência e diminuir rapidamente entre os 20 e 30 anos. No entanto, há uma heterogeneidade considerável no curso de desenvolvimento do comportamento delinquente na população e que as intervenções existentes para jovens com comportamentos antissociais tendem a produzir efeitos pequenos e que as intervenções em grupo de pares são mais eficazes com crianças pequenas e podem produzir efeitos iatrogênicos quando administradas a adolescentes.

Os psicólogos identificam sinais que podem indicar alerta. Adolescentes propensos a comportamentos violentos muitas vezes se recusam a ouvir autoridades como pais e professores, ignoram os sentimentos e direitos dos outros, demonstram comportamento abusivo, recorrem à violência ou ameaças para resolver conflitos e têm a percepção de serem tratados injustamente pela vida. Além disso, apresentam desempenho acadêmico abaixo do esperado, faltam às aulas ou evitam a escola, são punidos com suspensões, sofrem *bullying*, fazem uso de substâncias como álcool, inalantes e outras drogas, iniciam atividade sexual precocemente, associam-se a gangues e envolvem-se em comportamentos delituosos como brigas, furtos ou vandalismo (*American Psychological Association e American Academy of Pediatrics*, 1996; Resnick et al., 1997; Smith-Khuri et al., 2004; "Youth Violence", 2001, Apud Papalia et al, 2013).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a delinquência juvenil pode ter suas raízes na infância, é fundamental que os esforços preventivos também se concentrem nesse estágio inicial, visando abordar os vários fatores que podem contribuir para esse comportamento. Estudos demonstram que adolescentes que participaram de programas de intervenção que operaram no mesossistema e no exossistema de Bronfenbrenner estabelecendo redes de apoio familiar e conectando os pais a serviços comunitários, como cuidados pré e pós-natais e orientação educacional e profissional, tiveram menos probabilidade de se envolver em problemas do que seus pares em situação desfavorecida. Com sua abordagem essas intervenções conseguem impactar uma variedade de fatores de risco na infância que podem contribuir para a delinquência juvenil.

Os resultados parciais ainda demonstraram que há uma alta prevalência na taxa de infrações penais entre os jovens, mas ela tende a diminuir por volta dos vinte e trinta anos. As intervenções terapêuticas existentes para jovens com comportamentos antissociais aproximam-se a efeitos pequenos e médios, e intervenções em grupos de pares são mais eficazes para crianças, pois podem causar efeitos iatrogênicos quando administradas em adolescentes.

Diversos fatores podem contribuir para o surgimento do comportamento destrutivo-antissocial estando entre eles a imaturidade do cérebro adolescente, especialmente do córtex pré-frontal, que desempenha um papel crucial no julgamento e na inibição de impulsos; a disponibilidade fácil de armas em uma cultura que romantiza sua utilização, inclusive as de brinquedo; a presença de gangues dentro do ambiente escolar; um ambiente familiar que seja rejeitador, coercitivo ou caótico na infância, o que tende a gerar comportamento agressivo nas crianças; sua autoimagem negativa pode dificultar o sucesso escolar ou o desenvolvimento de interesses construtivos, e eles frequentemente se associam com pares que reforçam suas atitudes e comportamentos antissociais; residir em áreas urbanas instáveis, com baixo envolvimento e apoio da comunidade, embora estudantes de classe média em escolas suburbanas também possam ser afetados; ter sido testemunha ou vítima de violência na comunidade, ou ter sido exposto à violência na mídia.

Técnicas cognitivo-comportamentais e intervenções multimodais aparentam ser mais eficazes quando aplicada em jovens de maior risco de delinquência juvenil. Porém, ainda há uma necessidade de desenvolver práticas baseadas em evidências para abarcar a demanda do tema. Para fomentar a disseminação do conhecimento, empregaremos folders a fim de educar a comunidade em sua totalidade.

## REFERÊNCIAS

BHERING Eliana, SARKIS Alessandra **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil**. Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco Volume 27 Número 2 Julho/Dezembro 2009 ISSN 0103-7706. Disponível em: [https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portaUSF/ititiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes\\_web%5B16555%5D.pdf#page=7](https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portaUSF/ititiba/mestrado/educacao/uploadAddress/RevistaHorizontes_web%5B16555%5D.pdf#page=7). Acesso em 01 de abril de 2024.

CARUSO, H. G. C. et al. A delinquência juvenil em perspectiva comparada: uma análise bibliométrica dos estudos nas Ciências Sociais (2008-2018). **Revista TOMO**, n. 36, p. 79–110, 1 fev. 2020.

PAPALIA, Diane, FELDMAN, Ruth Duskin n, MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano** tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] ; [revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.]. – 12. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2013

PARDINI, D. Empirically Based Strategies for Preventing Juvenile Delinquency. **Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America**, v. 25, n. 2, p. 257–268, abr. 2016.

Poletto Michele e Koller Sílvia Helena. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção**. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>. Acesso em: 05 de abril de 2024.